

# A INFLUÊNCIA DA LITERATURA ALEMÃ NA LOGOTERAPIA

---

Gastón del Rio

Aldijane Nunes Viana Nogueira

Bruno Moraes de Souza

Jailine Frasson Sangion

Maria Lucilia Gai Cini

Renata Lins Correa Lima

---

**RESUMO:** Enquanto a logoterapia busca ajudar as pessoas a encontrar sentido na vida por meio da consciência que descobre valores, a literatura é um meio que pode contribuir para esse fim. O presente trabalho procura explorar como a influência de alguns autores literários alemães influenciou o desenvolvimento teórico da logoterapia. Concluindo que toda escola psicológica é influenciada pela cultura de sua época, mas é a partir daí que destaca determinadas características e potencialidades da pessoa.

**Palavras-chave:** Logoterapia; Literatura; Sentido; Valores.

**ABSTRACT:** While logotherapy seeks to help people find meaning in life through awareness that discovers values, indigenous literature is a means that can contribute to this end. The present work seeks to explore how the influence of some German literary authors influenced the theoretical development of logotherapy. Concluding that every psychological school is influenced by the culture of its time, but it is from there that it highlights certain characteristics and potential of the person.

**Keywords:** Logotherapy; Literature; Sense; Values.

## 1 INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho se imbuí da finalidade de elucidar o reflexo do pensamento dos literatos alemães quanto à cosmovisão de uma época e, por consequência, a sua influência mediante a obra de Viktor Frankl, adornada de frequentes citações e analogias similares às dos respectivos autores, como: Rilke, Thomas Mann, Holderlin, Goethe, entre outros.

Não seria ufanismo afirmar a enfática importância da literatura para a cosmovisão de um povo, ademais, fora o próprio Frankl (2015, p. 11) quem considerou a literatura, a cultura, e a tradição como um todo. “Não sabendo o que tem e tampouco o que deve fazer, muitas vezes já não sabe mais o que, no fundo, quer. Assim, só quer o que os outros fazem – conformismo! Ou só faz o que os outros querem que faça – totalitarismo”. A literatura carrega a tradição expressiva e a formulação social de um povo, assim, fornecendo as ferramentas e os meios pelos quais o indivíduo poderá saber o que deve fazer por meio da expectativa social e o que pode por meio da tradição.

Como condição *sine qua non*, o homem, dotado de razão estreita, consome o enquadramento cultural que lhe foi fornecido, fruto dos seus compatriotas ou consagrado pelos seus antepassados. Da mesma forma que consome os alimentos da sua terra, também se alimenta da cultura do seu país. Somos seres em relação ao mundo que nos rodeia, do qual fazemos parte. Afinal, sem um ponto de referência, não importa se somos geocêntricos ou heliocêntricos, pois quem não faz parte de nenhum lugar não tem um pon-

to de partida para ir em direção a alguém ou a algo que o convoca.

Desse modo, o homem que espera comunicar-se com o mundo deverá inexoravelmente dialogar com o seu vizinho, mesmo que este jaz na tumba do cemitério, pois no universo da tradição literária ninguém está morto o suficiente para calar-se nem vivo o suficiente para deixar de escrever. Assim como nem tudo se expressa em sentimentos, cabe a literatura potencializar as nuances presentes no homem, assim como um alfaiate que reconhecendo o corpo mais esguio ou protuberante, entende como conduzir a personalidade que emana de seu cliente.

Neste trabalho evidenciaremos, por meio das menções de Frankl aos literatos alemães, em paralelo com o período de vida e aceções postuladas por estes escritores, frente aos contrastes da História Alemã e suas tensões, que permitiram o idioma chegar aonde chegou devido a cosmovisão dos literatos, pré e pós guerra, afinal, o benefício central da leitura das grandes obras, transpõe a mera arrecadação de fatos ou pensamentos esparsos, tem como finalidade a aquisição de sabedoria. Sertillanges (2019, p.149) assevera o seguinte: “Amiel, comparando o espírito francês com o espírito alemão, dizia: “Os alemães colocam a lenha na fogueira; os franceses entram com a chama”. O juízo é talvez um pouco categórico, mas não há dúvida de que o que mais importa é a chama.” Nos parece, assim, que às vezes o fogo propõe uma temática destrutiva, ao passo que, em outros momentos, este mesmo fogo ilumina um caminho, ilumina uma vida que possibilita a descoberta de sentido.

Se os alemães têm a sua forma de expressar, assim como os diferentes povos e nações, e se ninguém pode expressar outra coisa senão o que fomenta dentro de si, literato é aquele que como um bom amigo senta-se ao lado para dar voz ao pranto ou à alegria mais íntima do seu amigo que em disparate de emoção não conseguirá dizer nem “a” nem “b”, mesmo que a todo momento busque por todo alfabeto. A literatura, trata de expressar a consonância que habita na hereditariedade, na cultura e no espírito. Poderíamos dizer, assim, que a literatura corresponde de forma axial como registro e propulsão do *Zeitgeist* (o espírito da época) de uma nação.

Não se sabe ainda se por sorte ou por azar, mas como Frankl postula, são essas facticidades do homem, o meio em que estamos, nossa hereditariedade, nossa fisionomia e toda a bagagem histórica e social que nos circunda, que caracterizam o que há de singular em nós. Então, capitanear ao máximo toda a literatura dos nossos conterrâneos significa capacitar a nossa expressão e enriquecer o nosso espírito, e se o homem busca sentido, como enfatiza a Logoterapia, é evidente que ele será aconselhável localizar-se ao menos dentro de sua própria casa, falar com seus próprios familiares e lidar com o seu próprio meio. Nunca nos fez tanto sentido aquele velho jargão “a educação vem de casa”. Se para as crianças a sua casa é o seu lar, para os adultos, é a sua nação.

Enquanto o logoterapeuta se disponibilizar frente ao auxílio do paciente para que encontre o seu sentido, será aconselhável ter o domínio, com esmero e não com negligência, das formas expressivas contidas na lite-

ratura ao menos do seu país. Em conjectura similar, se faz presente a ineficácia do logoterapeuta inapto nas formas de linguagem ou nas potências verbais que a priori consagram aquilo que chamamos de literatura. Se o paciente busca os meios para comunicar a sua aflição, e o logoterapeuta também não trata de entregar-lhe esses meios, a sessão terapêutica ganha figurativamente a forma do mito de Burridan, onde não sabendo o paciente o que precisa ou o terapeuta como quebrar esse impasse, conduzirá esse dilema até o inefável destino do burrico que não sabia se comendo o feno para sanar a fome, ou bebendo a água para sanar a sede, estagnado no mesmo lugar, alcançou um trágico fim, vindo a morrer.

Cabe a cada terapeuta fugir do dilema do burrinho, apropriar-se da literatura do seu país adornar-se da cultura de sua nação e, desse modo, como um adulto que rege a casa, tornar-se capaz de receber aqueles que estão desorientados ou perdidos de forma hospitaleira, digna e referencial. Cabe a cada terapeuta escapar do dilema do burro, apropriar-se da literatura de seu país, enfeitar-se com a cultura de sua nação e, assim, como adulto que manda na casa, tornar-se capaz de receber quem está desorientado ou perdido de forma hospitaleira, digna e referencial. O uso da literatura pode ser um recurso formidável para acompanhar as pessoas. Este trabalho caracterizará reflexões sobre o potencial expressivo que esses escritores introduziram em Frankl, possibilitando uma compreensão mais ampla da pessoa.

## 2 A LITERATURA COM CATALISADOR DE CONSCIÊNCIA

Quando para-se para pensar em Logoterapia, lembra-se imediatamente que o que é verdadeiramente humano é a busca de sentido, contando com a consciência como recurso que possibilita a descoberta desse sentido. De acordo Frankl (1978, p. 19) “Em uma palavra, a consciência é o órgão do sentido, é a capacidade de descobrir o sentido único e irreproduzível que se esconde em cada situação”. Sentido que interpola não apenas uma direção, mas um motivo para se viver, como se num contraste enfático entre Freud que interpreta o charuto simplesmente como um charuto e Adélia Prado que vê magia em uma simples pedra, cabe ao homem entrelaçar o físico e o transcendente por meio da linguagem. Como já dissera Frankl (2015, p.107) “a linguagem do homem normal é e permanece, sempre, uma referência a um objeto, isto é, aponta para algo além de si mesma. Numa palavra, a linguagem se distingue pela autotranscendência”.

Se por meio da linguagem cabe ao homem mediar-se ao transcendente, e como diria Leonardo da Vinci: “a pintura é poesia muda, a poesia é pintura cega” (Da Vinci apud Lichtenstein, 2005, p.19-20). De que forma descreveríamos, então, a literatura? O fato é que não nos cabe aqui defini-la, mas apenas constatar aquilo que Goethe outrora já auferia, que o declínio da literatura indica o declínio de uma nação. Não obstante a esse fato, é que Viktor Frankl aludiu em diversos volumes de suas obras quanto à precariedade que a falta da tradição e da cultura infringe sobre a falta de sentido do ser humano.

Para Frankl, a educação não é apenas responsável por transmitir conhecimento, mas também deve apelar à consciência, pois na Logoterapia reconhecemos a consciência como órgão de significado e, através dela, podemos encontrar valores no mundo (nas coisas, circunstâncias e vida).

Não é possível falar em literatura e não falar em Goethe, que dissera: “quem possui arte e ciência também tem religião” (Goethe apud Frankl, 1992, p.55). Portanto, seja feita a extrusão devida para que se possa compreender o que o poeta dissera: arte é fruto etimologicamente de técnica, deste modo, todo artista possui o manejo sábio; a ciência nada mais é do que o próprio conhecimento, dadas suas distintas formas; ao passo que a religião utiliza-se do manejo sábio do conhecimento como uma forma de retorno, como o próprio termo já indica – religião, oriundo do latim religare - que significa reconectar. Não poderia o homem religar-se do nada à coisa alguma, apenas frente às possibilidades da sua existência. Não obstante, para religar-se precisa sair de si e só o poderá fazê-lo mediante a sua transcendência.

A literatura transpõe, por meio das figuras de linguagem e de suas distintas ferramentas (a exemplo: analogia, metáfora, metonímia), e tantas outras alusões que arrebatam a pessoa entre a ficção e a realidade, ou entre a imaginação e a vida e que ampliam seu leque de ações. O homem é uma criatura que sonha e se sonha, deseja. Como não se pode determinar a causa dos seus sonhos, ou o motivo dos seus desejos, vale lembrar de Aristóteles que dizia que o homem tem por desejo conhecer (Aristóteles, 2002, p. 8). Se olhar com atenção, a vida de cada pessoa

é constante aprendizado, meio ao qual perfazendo o imaginário e promovendo a vontade, designa suas ações, determinando as causas pelas quais viveremos. Nas palavras de Karl Jaspers “o que o homem é ele se torna através da causa que ele fez sua própria.” (Jaspers apud Frankl, 2011, p.53).

Toda forma de escrita carrega um potencial expressivo, e entre as formas expressivas a mais antiga e talvez a mais inebriante seja a poesia, pois a harmonia simbólica consonante à arquitetura métrica dá forma ao sentimento. Enquanto isso, o romance produz o desenlace do âmago profundo da vivência cotidiana permitindo que de terras distantes possa-se empaticamente colocar-se ao lado de Napoleão Bonaparte diante da guerra, diante das chagas de Padre Pio, ou mesmo que, frente a atos ficcionais, se consiga transpor ao lugar de personagens como Dom Quixote e se possa, dessa forma, combater os problemas da vida com coragem e obstinação do mesmo modo com que Dom Quixote combatera os gigantes, pouco importa se forem ou não meros moinhos (Cervantes, 2013).

Por meio das letras ganha-se o único benefício possível que se pode extrair frente ao tempo em prol de ampliar a vida, pois quando se submerge na leitura de um romance se é capazes de viver outra vida. É nessa hora em que em certa instância o homem vê-se capaz de viver muitas vidas, sofrer pelo que nunca passou e amar quem nunca conheceu. Em endosso dessas afirmações, cabe-nos ressaltar a seguinte colocação de Frankl exposta na Conferência “A Psychiatrist Looks at Literature”:

*A literatura, porém, tem uma escolha. Não precisa continuar sendo um sintoma da atual neurose de massa, mas pode muito bem contribuir para o seu tratamento. Com efeito, os homens que passaram pelo inferno do desespero, através da aparente falta de sentido da existência, são precisamente aqueles que podem oferecer aos outros homens, como sacrifício, seus sofrimentos. É justamente a auto expressão de seu desespero que pode ajudar o leitor – igualmente atingido pelo sofrimento de uma vida sem sentido – a superá-lo, mesmo que seja para mostrar-lhe que não se encontra só (Frankl, 2015, p. 108).*

O fato de não se encontrar só não importa apenas para mitigar o seu sofrimento, mas possibilita a si próprio conhecer-se por meio de analogias, e manifestar de forma proeminente a sua liberdade e vontade para, transcendendo-se por meio da vontade, livremente optar pelo amor. Na literatura identificamos trejeitos humanos que podem ou não estarem presentes em nós, sejam eles positivos ou negativos, como a obstinação mefistofélica de Fausto (Goethe, 2003) ou a piedade quase clerical de Lúcia em A Mulher que Fugiu de Sodoma (Vieira, 2008). Este contraste entre o que está ou não presente em nós, presente ou não no outro é que denominamos como analogia, um conjunto de semelhanças e diferenças. Se por meio do espelho, dispomos do reflexo do corpo, é por meio da literatura e suas analogias que encontramos o reflexo do espírito, ou até mesmo da alma humana.



### 3 MAIS DO QUE CONCISA LITERATURA ALEMÃ

“Isso é parte da beleza de toda a literatura, você descobre que seus desejos são desejos universais, que você que não está só e isolado de todo mundo. Você pertence.” De fato, a língua nos conduz em direção ao íntimo dos outros homens, nos faz pertencer, nos integra a uma nação. Vale pontuarmos brevemente uma exposição temporal do desenlace da literatura alemã.

Palavras, sentenças e expressões carregam do mais ínfimo acento até a mais complexa declinação matizes que ordenam o pensamento e a cosmovisão de um povo. A forma da língua reflete a história das nações, a exemplo da língua alemã – aqui consideramos todos os povos que falam alemão – que por meio das intempéries que assolaram os seus territórios e sua mudança frequente entre demarcações territoriais, viu-se o idioma dismantelar-se e reconfigurar-se por diversas vezes, fruto da guerra e dos rearranjos de fronteiras, Carpeaux (2013, p. 10) assevera, “mas na verdade, a primeira grande data na história da civilização alemã é a cristianização, por São Bonifácio (680/754) e pelos monges beneditinos que fundaram os primeiros conventos”.

Entre o período carolíngio que se falava Althochdeutsch (alemão antigo); sucedido pela literatura medieval, escrita em Mittelhochdeutsch (alemão médio); até o século XV marcado pela utilização do Neuhochdeutsch (alemão novo), seguiram-se sete séculos de reordenação da forma e instabilidade gramatical. Por outro lado, como salientou Otto Maria Carpeaux (2013), o Neuhoch-

deutsch nasceu lentamente na Chancelaria imperial de Praga, onde os funcionários da Chancelaria, inspirados pelo exemplo dos humanistas italianos, pretendiam unificar e purificar a língua alemã aos moldes do dialeto da Boêmia que se assemelhava ao dialeto saxônico, o idioma de Lutero. Idioma burocrático e regulamentado.

A literatura alemã é permeada de turbulências, como a guerra dos camponeses, absolutismo, pressão napoleônica, revoluções frustradas, Guerra dos Trinta Anos, entre tantas outras desilusões. Entretanto, como já dissera o dramaturgo austríaco Hugo Von Hofmannsthal : “nada está na realidade política de um país se não estiver primeiro na sua literatura”. Todo marco político da história alemã é preconizado em suas obras literárias, como denota a ruptura entre humanismo europeu e reforma luterana, exploremos esta questão.

Visto que Lutero não queria arriscar a vitória da sua revolução e o desabrochar da nova igreja, demandou que para conter atitudes violentas de seus adeptos entusiásticos que estavam fugindo fora do seu controle, sentiu-se forçado a aliar-se com a aristocracia e a sufocar os excessos de seus discípulos, emana então uma nova proposta de sociedade, com nova fórmula de organização ao estado vigente, em paralelo a uma religião alemã, portanto, uma nova sociedade com estrutura revolucionária. Esses aspectos culminaram em uma Alemanha que se dissuadiu do Ocidente, sendo agora, o luteranismo a religião oficial dos príncipes, universidades, burguesia e burocratas alemães. Concedendo-lhes liberdade ilimitada no foro íntimo e submissão servil perante as

autoridades. Não é à toa que Carpeaux evidencia a Lutero como a personalidade mais influente da história da Alemanha.

A obra que marcou a ruptura entre esse humanismo e a revolução protestante trata-se nada mais nada menos do que a obra anônima História de Doutor Johannes Faust, de 1587, editada por Johannes Spaes. Obra que galgou a cátedra de clássico da literatura, sendo reinterpretada por diversos autores, como Goethe, Thomas Mann, Valéry, Marlowe e Lessing. A obra é imbuída de misticismo, epicurismo, orgias, magia, imortalidade e tantas outras ambições do desejo humano concedidas por intercessão de um pacto demoníaco que permitia a um taumaturgo adquirir poderes insondáveis, mas que por fim tem sua alma levada pelo demônio.

Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), consagrado pelos alemães como seu maior poeta clássico e designado como um dos fundadores do romantismo europeu, carrega sobre si a chancela de um homem que viveu como escreveu “a vida e a obra estão indissolavelmente ligadas, de modo que a obra parece o próprio conteúdo da vida e todas as obras cristalizações de momentos da vida (o próprio Goethe chamou-se de “poeta de ocasiões”)” (Carpeaux, 2013, p.73). A atribuição tecida sobre Goethe estende-se ao fundador da logoterapia, Viktor Emil Frankl, homem que em equivalente análise, viveu o que escreveu, percebe-se assim a densa correlação entre a vida e as letras.

Quando se olha para o século XVII, observa-se um novo fenômeno: escritores, pensadores e poetas, constituíam-se de aristocratas cultos, juristas, teólogos, formados

na Universidade de Leiden, com base dominante da filologia da Antiguidade greco-latina, ou seja, reincorporavam o humanismo do passado. Ao passo que no século XIX, Gottlieb Fichte proferira seus “Discursos à Nação Alemã”, salientando a superioridade do povo alemão devido a suas raízes territoriais, ao fato da língua alemã rejeitar aos estrangeiros e permanecer original, e revigora as teses de Lutero ao fato de o povo alemão estar predestinado, ser por excelência o povo primitivo, sem mácula que originou os outros povos, a fonte da universalidade cultural e que não havia se corrompido, dá-se então o princípio de um sentimento ou complexo de superioridade alemão, munido de um “eu” central e criador do mundo, uma espécie de panteísmo do eu.

Poucas décadas após os discursos de Fichte, em 27 de julho de 1830, na França, ocorre a revolução que retiraria a casa dos Bourbon do poder, fortaleceria a burguesia e por consequência viria a desencadear um impacto efetivamente superior na Alemanha, fruto da nova discussão teórica, entre o zoologista Cuvier e o botânico St Hilaire, fora desta discussão que germinara o evolucionismo. Goethe falece em 1832 e instaura-se uma nova época na literatura, não mais clássica, mas moderna, de imprensa. Representada por Heinrich Heine, e a presença da filosofia Hegeliana que se imprimia nos textos alemães. Karl Marx (1818-1883) fora prova disto, uma mescla de hegelianismo e materialismo feuerbachiano, onde ao encontrar-se com Engels e dá início às ideias que sedimentaram os novos rumos ou forças motrizes da história, a luta e classes. Carpeaux (2013, p.120) toma como exemplo “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte,

a história do golpe de Estado de Napoleão III, protótipo de todos os golpes de Estado fascistas”.

No ano de 1848 eclodiram as revoluções europeias e a designada por Lewis Namier de “Revolução dos Intelectuais”, estes que sempre conduziram diante dos distintos movimentos literários e artísticos, sem uma unidade política, mas espiritualmente vividos de sentimentos e ideias. Agora, diante das circunstâncias revolucionárias, a Alemanha viu-se desmembrada e a literatura ganhou um aspecto provinciano, rompem-se as relações literárias que a Alemanha tecia com o Ocidente durante 30 anos (1850-1880). As tragédias de Hebbel (1813-1863) descrevem a conjectura, arremete ao indivíduo que deve cumprir um destino, porém, não possui forças para transpor as dificuldades e resta-lhe somente o desterro e o sacrifício, um paralelismo da tragédia grega e o Hege- lianismo.

A conjectura da segunda metade do século XIX alemão, contava com Otto Von Bismarck assumindo como chanceler a industrialização proeminente, e uma estrutura social burocrática e regularizada. O positivismo se apresenta, os físicos Kirchhoff e Bunsen; os biólogos Virchow e Haeckel, todos se contrapõem à filosofia e adulam o positivismo. Optam por remover os intelectuais da vida pública e rejeitar tudo que não lhes configure científico e racional, segregando o pensamento da ação.

*Mas o Romantismo ainda não estava morto. Expulso da política e da ciência, refugiou-se para uma suposta ciência da política: o nacionalismo. Até a*

*ideia hegeliana da “missão” especial de cada povo reapareceu como missão do domínio europeu ou universal da nação alemã. O profeta desse nacionalismo foi o historiador Heinrich von Treitschke (1834-1896), autor da história Alemã no Século XIX, homem de eloquência torrencial e de nacionalismo fanático, um dos precursores do nazismo (Carpeaux, 2013, p.147).*

Essa derrocada intelectual, alude ao que Nietzsche auferia, de que o novo Reich alemão, representava um reino de bárbaros que ignoravam a realidade e a arte. Essa era a Alemanha de 1900, orientada por Guilherme II, próspera financeiramente, e de tendência política ao Movimento Nacional-Social.

Para a retomada da língua e o surgimento de uma nova literatura, foi Nietzsche quem representou o terceiro fenômeno literário internacional desta nascente literatura alemã, após Lutero e Goethe, o simbolismo Nietzscheano e sua revolta declarada contra a reforma Luterana que aos seus olhos protegeu o cristianismo, e confrontou os alemães contra Napoleão, que faria imperar o Renascimento e a unificação europeia que viria a emergir a época do nacionalismo, confrontando-se com o racionalismo vigente na Europa prussiana. Tratou o autor de iniciar o irracionalismo, o que na Alemanha lhe rendera diversos adeptos com as seguintes características: nudistas, maçons mistagogos, vegetarianos, senhoras histéricas, judeus antissemitas.

O fenômeno Nietzscheano enquadrara a língua alemã em um novo movimento, o simbolismo, reavivando o Naturalismo e o contato com a literatura de outros países eu-



ropeus. Diante do novo movimento literário, ergue-se a figura de Hofmannsthal em Viena; Rilke em Praga; e Stefan George em Büdesheim. A atmosfera em Viena, mostrou-se solo fértil para essa acepção simbolista, em que Carpeaux (2013, p.163) estabelece como dada a “melancolia provocada pelo gozo frívolo da vida, o esteticismo de gente excluída da vida pública.” (Carpeaux,2013).

Em meio aos dez anos que se sucederam entre 1900-1910, os movimentos literários do Simbolismo vigente, a busca de outros autores pelo retorno da tradição romântica e o nascimento do movimento Expressionista, dá-se o nascimento de Viktor Emil Frankl. Estava dado o cenário do niilismo de Nietzsche, a poesia existencialista de Rilke e os romances de Thomas Mann permeados de ironia e similitudes ao estilo de Goethe. Eis a cosmovisão austríaca do início do século XX.

#### 4 LOGOTERAPIA - ENTRE A METÁFORA E A ANALOGIA

Foi exposta a finalidade da literatura ao homem, enlaces entre a vida e a escrita, e uma breve descrição no tempo das origens da literatura alemã. Agora, tratar-se-á de evidenciar o reflexo do pensamento e das ideias de escritores como Thomas Mann, Hölderlin, Rilke, Nietzsche, Pascal e Goethe, diante do prisma pelo qual Viktor Frankl concebia o homem e a própria vida; seu fundamento; a importância das tensões; da realização de valores; do ser transcendental do homem e sua liberdade, esta que o torna de fato homem, passível de ter uma vida a chamar de sua, nas palavras de Hebbel: “a vida não é algo; é a oportunidade para algo!” (Hebbel apud Frankl, 2022, p.57).

Se a logoterapia opera em resposta ao que há de saudável no homem, só o faz porque reconhece nele uma dimensão sempre saudável que é a espiritual, como diria Nietzsche: “quem tem uma razão para viver pode suportar quase qualquer coisa” (Nietzsche apud Frankl, 2021, p.80). Como o próprio termo indica, logoterapia: logos (sentido ou razão), terapia (cuidado). Portanto, centra-se no desejo de sentido que as pessoas têm para existir, ser e agir.

Todas as formas de encontrar sentido na vida são encontradas através da realização de valores de atitude, criação ou experiência. Quanto aos valores de atitude, referem-se à forma ou disposição com que a pessoa enfrenta uma situação de sofrimento inevitável. De qualquer forma, o homem deve lembrar, como disse Goethe: “não há situação que não possa ser melhorada, nem por

meio de conquistas, nem por meio de tolerância” (Goethe apud Frankl, 2022, p.44). Mesmo na situação de sofrimento inevitável, é possível encontrar sentido na vida, é a isso que se refere Hölderlin – “se eu pisar na minha infelicidade, eu me levanto” (Hölderlin apud Frankl, 2019, p.220).

Os valores de criação referem-se a encontrar sentido na vida proporcionando, contribuindo, criando algo no mundo. É cumprir o seu dever e verificar o que há dentro de você. Este dever, como enfatizou Goethe, é a exigência da vida cotidiana. Cada situação é um convite a encontrar um sentido, destacou Hölderlin: “Nada é tão insuportável para o homem quanto uma situação sem tarefas, sem objetivos”. – Pascal (Hölderlin apud Frankl, 2018, p.60). O homem pode encontrar na situação em que vive algo a oferecer ao mundo, através da música, da pintura, do intelecto, do esforço e de coisas semelhantes.

*Uma intensa orientação ao sentido poderia também ter um efeito de prolongar a vida ou até mesmo de salvar vidas. Quanto ao primeiro, recordemos que Goethe trabalhou durante sete anos na finalização da segunda parte de Fausto. Terminou finalmente o manuscrito em janeiro de 1832; dois meses depois morreu. Eu me atreveria a dizer que durante os sete anos finais de sua vida ele viveu biologicamente além de suas possibilidades. Havia vencido o prazo de sua morte, mas seguiu vivendo até o momento de acabar a sua obra e de realizar o seu sentido (Frankl, 2020, p.38).*

Quanto à terceira categoria de valor, os da experiência, referem-se a encontrar algo no mundo para a riqueza pessoal. Uma das formas mais plenas como ela se manifesta é no amor, na capacidade de encontrar valor no

outro que se ama. Ao amar, manifesta-se a autotranscendência da pessoa, ela sai de si mesma para encontrar a pessoa amada. Ser capaz de encontrar sentido ao entrar em contato com a literatura é um exemplo claro dessa categoria de valor vivido, uma vez que o sentido é encontrado ao ler ou contemplar uma obra literária.

*Retomando, contudo, o tema do desmascaramento literário, diremos o seguinte: seja qual for o fenômeno ao qual o reducionismo atribui a produção literária – seja um fenômeno normal ou anormal, consciente ou inconsciente –, tende-se hoje em dia a interpretar a produção literária como um ato de auto expressão. Em contrapartida, defendo a opinião de que o escrever nasce do falar e todo falar, por seu turno, do pensar. E não existe pensamento sem algo pensado, sem algo a que se referir, sem síntese, sem um objeto. E o mesmo se pode dizer do escrever, uma vez que ambos estão ligados a um sentido – o sentido justamente de querer comunicar algo. E se a linguagem não tem um sentido, se não tem nenhuma mensagem para comunicar, então não é de modo algum linguagem. É um erro enorme a afirmação (contida no título de um livro bastante conhecido): “O meio é (em si) a mensagem”. Pelo contrário, penso que é a mensagem que transforma o meio transmissor da mensagem em verdadeiro meio (Frankl, 2015, p.106).*

Talvez não haja menção mais agradável à caracterização da proposta contida no presente trabalho, do que a sentença de Frankl (2019, p.9) “Cada época tem suas neuroses e cada tempo precisa de sua psicoterapia”. Em aspecto análogo, cada época deseja comunicar algo e, portanto, evoca a sua literatura, mas sem jamais esquecer e reintegrar os poetas mortos, os romancistas e os filósofos, que por meio da literatura catedraticamente forjaram o solo de geração após geração, usufruí para plantar e colher as novas safras.

O conhecer e acessar a outro indivíduo que perfaz a terapia demanda comunicação e presença que, por meio do domínio da linguagem, esta de seu país, se faz axial ao exercício terapêutico, seja para a realização de analogias com a problemática pertinente, seja no auxílio ao paciente, iluminando a construção das suas aflições de modo estruturado, por meio do uso adequado das palavras; ou, até mesmo, para que o terapeuta tenha a capacidade de imaginar e integrar as questões pontuadas pelo paciente, dentro da cultura e dos males da época. Assim, o terapeuta poderá contrastar o que o paciente lhe apresenta, frente a realidade. Como diria Buber (Frankl e Lapide, 2013, P.57) “Eu não tenho nenhum ensinamento, eu tomo o leitor pelas mãos, eu o conduzo à janela e lhe mostro o mundo com olhos bem abertos”. A literatura constitui o nosso instrumento expressivo, e o homem que não comunica, não transcende.

“O declínio da literatura indica o declínio de uma nação” – Goethe; roma locuta, causa finita.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a exposição do limiar histórico proposto por Otto Maria Carpeaux concomitantemente aos matizes do pensamento de Viktor Frankl, coube ao presente trabalho interseccionar ambos os polos frente a uma mesma unidade de medida que, embora não numérica, tratou de mensurar não aspectos espaciais, mas formas de pensamento que corroboraram na estruturação da Terceira Escola de Viena de Psicoterapia, denominada Logoterapia. Parece-nos, portanto, plausível a afirmação de que Viktor Frankl foi influenciado pela literatura de sua época para desenvolver sua proposta teórica.

Sendo a relação entre paciente e terapeuta de âmbito transcendental, aspecto não apenas facultativo, mas um axioma presente dentro da Logoterapia, e a transcendência uma capacidade de ir além de si, concluiu-se que grandes autores atribuíram marcas de caráter cultural e histórico no qual todo terapeuta invariavelmente capaz de acessar de uma forma que não seja apenas convincente nas circunstâncias, mas diante de uma conjectura permanente de tensões humanas, o que poderia encorajar o terapeuta a buscar alimento para si e para seu trabalho profissional de riqueza literária.

Em condição *sine qua non* na qual cada arte demanda os seus instrumentos, dar-se algumas evidências pelo próprio fundador, Viktor Frankl, de que a biblioterapia e a literatura atingem enfaticamente um alto nível de exploração e elucidação de predisposições originalmente humanas. De Thomas Man a Hilke; de Goethe a Dehmel; de Hofmannsthal a Nietzsche, viram-se tensionados a

retratar as tensões do espírito, não apenas de si, mas de toda a sua nação ou *quicá*, e por que não, de toda a espécie humana. É plausível afirmarmos que sem os endossos literários de um país e seu arcabouço cultural não haverá um alcance adequado para a boa execução da prática logoterapêutica.

Aqueles que porventura optarem por dar continuidade ao presente trabalho que devido à sua proporção, circunstância e forma nos impedem de ir além, sugerimos que voltem a esmiuçar as disposições históricas da literatura alemã, as pesquisas vigentes sobre biblioterapia e as analogias propostas em todos os trabalhos publicados por Viktor Frankl. De forma alguma este trabalho teve a pretensão de esgotar o assunto. No que tange à sua colaboração, tratou de expor uma relação de causa e efeito ou de interdependência entre a cultura literária autóctone e alguns fundamentos logoterapêuticos.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

CARPEAUX, Otto. **A história concisa da literatura alemã**. 1.ed. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: Editora 34, 2013.

FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. **A Busca de Deus e Questionamento Sobre o Sentido**. Tradução: Márcia Neumann. Petrópolis: Vozes, 2013, 170 p. Título original: Gottsuche und Sinnfrage. Ein Gespräch.

FRANKL, Viktor. **A falta de sentido: um desafio para a psicoterapia e a filosofia**. Tradução: Bruno Alexander. 1.ed. Campinas-SP> Editora Auster, 2021.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. Tradução: Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 23. ed.rev. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2021.

FRANKL, Viktor. **A psicoterapia na prática**. Tradução: Vilmar Schneider. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Tradução: Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor. **Chegará o dia em que serás livre**. São Paulo: Quadrante Editora, 2021.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução: Walter O.Schlupp e Carlos C. Aveline. 52.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2021.

FRANKL, Viktor. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2021.

FRANKL, Viktor. **O que não está escrito nos meus livros**. Tradução: Claudia Abe-ling. São Paulo: Realizações, 2012.

FRANKL, Viktor. **O sofrimento de uma vida sem sentido**. São Paulo: Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Tradução: Renato Bittencourt. 1.ed. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia**. Tradução: Ivo Studart Pereira. 1.ed. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamento da logoterapia e análise existencial**. Tradução: Alípio Maia de Castro. 7.ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia para todos**. Tradução: Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

FRANKL, Viktor. **Sede de sentido**. Tradução: Henrique Elfes. 5.ed. São Paulo: Quadrante, 2016.



FRANKL, Viktor. **Sobre o Sentido da Vida**. Tradução: Vilmar Schneider. Petrópolis- RJ: Vozes, 2022.

FRANKL, Viktor. **Teoria e terapia das neuroses: introdução a logoterapia e à análise existencial**. 1.ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, Viktor. **Um psicólogo no campo de concentração**. Tradução: Bruno Alexander. Campinas-SP: Editora Auster, 2021.

FRANKL, Viktor. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Tradução: Viktor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A pintura: o paralelo das artes**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SERTILLANGES, Antonin. **A vida intelectual**. Tradução: Robert Mallet. 1.ed. Campinas-SP: Kirion, 2019

VIEIRA, José Geraldo. **A mulher que fugiu de Sodoma**. Belo Horizonte, 2008.